

TRAJETÓRIAS EM ANÁLISE: DIMENSÕES E RETRATOS DA EXPERIÊNCIA ESTUDANTIL DE ESTUDANTES CONCLUINTE DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FaE/UFMG

Ariadia Ylana

UFMG

ariadiaylana@yahoo.com.br

RESUMO

Procuraremos neste artigo apresentar e analisar as entrevistas realizadas com alguns estudantes concluintes do curso de Pedagogia da FaE/UFMG. O objetivo é conhecer e caracterizar a experiência universitária desses graduandos. Vamos nos apoiar na metodologia proposta por Dubet (1994b), que ao entrecruzar as três dimensões subjetivas: projeto, integração e vocação, criou oito retratos que caracterizam maneiras de ser um estudante do Ensino Superior. A tipologia criada por Dubet deve servir como uma referência, sem, no entanto, nos prendermos totalmente a elas, uma vez que os modelos apresentados pelo autor foram criados considerando-se a oferta do Ensino Superior francês. Nossos entrevistados são alunos de um mesmo curso, além de serem vinculados a uma mesma instituição. Portanto, temos o desafio de identificar em uma mesma oferta universitária, diferentes experiências estudantis. As três dimensões subjetivas propostas por Dubet estão diretamente relacionadas à oferta educacional concreta da instituição de ensino e às características específicas do curso frequentado pelo estudante. A experiência universitária dos nossos estudantes investigados se constitui a partir de um mesmo contexto institucional (características da UFMG e da FaE) e é também marcada por um contexto nacional, no qual se destaca a desvalorização da profissão docente. Apesar desse contexto comum, as experiências dentro do grupo se mostraram diversificadas. Os sujeitos são possuidores de características individuais como o sexo, a idade, o passado escolar, o nível de capital cultural e econômico, o tempo de que dispõem para os estudos, dentre outras, que interferem diretamente em seus percursos escolares. Ademais, nos termos de Dubet, é preciso lembrar que cada sujeito possui relativa autonomia para definir seus projetos e sua adesão às normas da instituição universitária, além de demonstrar interesse intelectual de forma mais ou menos intensa pela área do curso.

PALAVRAS-CHAVE: Docência; Trajetórias no Ensino Superior; Experiência estudantil.

Procuraremos neste artigo apresentar e analisar as entrevistas realizadas com alguns estudantes concluintes do curso de Pedagogia da FaE/UFMG. O objetivo é conhecer e caracterizar a experiência universitária desses graduandos ¹. Vamos nos apoiar na metodologia proposta por Dubet (1994b), que ao entrecruzar as três dimensões subjetivas:

¹ A tipologia que caracteriza as experiências universitárias não é exaustiva e, portanto, não é nossa intenção apresentar uma caracterização geral para os alunos do curso de Pedagogia.

projeto, integração e vocação, criou oito retratos que caracterizam maneiras de ser um estudante do Ensino Superior.

A experiência universitária dos nossos estudantes se constitui a partir de um mesmo contexto institucional (características da UFMG e da FaE) e é também marcada por um contexto nacional, no qual se destaca a desvalorização da profissão docente. Apesar desse contexto comum, as experiências dentro do grupo se mostraram diversificadas. Os sujeitos são possuidores de características individuais como o sexo, a idade, o passado escolar, o nível de capital cultural e econômico, o tempo de que dispõem para os estudos, dentre outras, que interferem diretamente em seus percursos escolares. Ademais, nos termos de Dubet, é preciso lembrar que cada sujeito possui relativa autonomia para definir seus projetos e sua adesão às normas da instituição universitária, além de demonstrar interesse intelectual de forma mais ou menos intensa pela área do curso.

Assim, as diversas maneiras de ser estudante serão analisadas partindo-se do entrecruzamento das três dimensões propostas por Dubet, sem, no entanto, desconsiderar a sociologia bourdieusiana, em que o *habitus* pode ser definido como “(...) esquemas de percepção, de pensamento, de apreciação e de ação” (BOURDIEU e PASSERON, 1975, p.47) que são incorporados pelos sujeitos de forma inconsciente a partir de sua classe social de pertencimento e de suas condições concretas de existência. Estamos considerando, portanto, que de acordo com o *habitus* que caracteriza cada sujeito investigado, certas estratégias ao longo da sua trajetória no Ensino Superior se apresentarão como mais seguras e mais rentáveis enquanto outras podem sugerir maiores riscos.

Por último, procuraremos ainda, em cada relato, buscar identificar o nível de afiliação, para usar os termos de A. Coulon, que caracterizou a aprendizagem do “ofício de estudante” desses sujeitos. Cada experiência universitária pode ser vivida de forma mais ou menos “afiliada” e “o sucesso na universidade depende, em grande parte, da capacidade de inserção ativa dos estudantes em seu novo ambiente” (COULON, 2008, p.32). Assim, procuraremos investigar como nossos sujeitos se adequaram às exigências acadêmicas, em termos de “conteúdos intelectuais, métodos de exposição do saber e dos conhecimentos” (ibid, p.32) e aos códigos e rotinas da instituição.

4.1 Apresentação dos estudantes entrevistados e a construção da tipologia

Os critérios de escolha dos estudantes que iriam compor o grupo de entrevistados foram a idade, o sexo, o turno, a opção pela formação complementar, o fato de serem alunos “bolsistas” e/ou trabalhadores em tempo integral, o grau de interesse em relação à atuação como docente e o perfil socioeconômico. Todas essas informações constavam no questionário, o que facilitou a seleção dos sujeitos.

Dando sequência a apresentação dos procedimentos metodológicos, compete explicar como iremos apresentar as diferentes maneiras de ser estudante a partir dos nossos sujeitos. Seguindo a estratégia de Dubet, criamos alguns retratos da experiência estudantil, a partir da articulação e intensidade das dimensões subjetivas que os caracterizam. Optamos, em um primeiro momento, por dividir os estudantes em dois grupos: “Estudantes em tempo integral” e “Estudantes em tempo parcial”. O resultado foi o seguinte:

- Grupo 1 – Estudantes em tempo integral.

Compõem esse primeiro grupo os discentes: Aline, Beatriz, Francisco, Irene, Josiane, Natália.

O modelo da experiência estudantil que caracteriza esse conjunto de estudantes do grupo 1 se aproxima muito do modelo caracterizado pelo tipo 1 de Dubet (projeto forte, integração forte e vocação forte), denominado pelo autor como os “verdadeiros estudantes”. São os alunos da nossa amostra que mais se dedicam aos estudos, ao curso e a universidade de maneira geral. São estudantes o “tempo todo”. Dedicam-se às atividades acadêmicas (leituras, trabalhos, visitas à biblioteca, por exemplo), trabalham em algum tipo de bolsa oferecida pela Faculdade de Educação, participam também de atividades extraclases, tanto aquelas relacionadas ao curso como as culturais e políticas. São voluntários quando julgam que podem se beneficiar com a ação, são participativos nas aulas, conhecem alguns professores e são reconhecidos por transitarem na faculdade. Tendem assim a ser valorizados como “autênticos” estudantes. São também estudantes críticos, pois estão certos do que buscam no curso, e exigem uma formação de qualidade.

São, portanto, nos termos de A. Coulon, sujeitos muito “afiliados” ao seu “ofício de estudante”, pois conhecem as regras e sabem manejá-las com naturalidade.²

- Grupo 2: Estudantes em tempo parcial.

Compõem esse grupo: Patrícia, Tereza, Dalva e Isabela. Como o próprio nome do grupo sugere, esses sujeitos se caracterizam por não serem estudantes “o tempo todo”. Apesar de estarem reunidos em um mesmo grupo, possuem características muito diferentes e a articulação das dimensões subjetivas acontece de forma também diversificada.

Patrícia (projeto fraco, integração forte, vocação fraca), por características que iremos explicar em seguida, encaixa-se mais nesse segundo grupo, apesar de já ter sido uma aluna bolsista e ter vivenciado intensamente, por um período, a rotina da universidade. Tereza (projeto fraco, integração forte, vocação forte) e Dalva (integração fraca, vocação fraca, projeto fraco) são trabalhadoras estudantes, possuindo emprego em tempo integral, o que as impede de dedicar-se à universidade como os “verdadeiros estudantes”. Isabela (projeto fraco, vocação fraca, integração fraca), por realizar dois cursos superiores simultaneamente até poderia ser classificada como uma estudante em tempo integral, entretanto, o que estamos avaliando é o envolvimento com o curso de Pedagogia, e em relação a esse ela foi uma estudante em tempo parcial, pois se envolveu muito pouco com o curso e a universidade, como poderemos conferir ao analisar sua trajetória acadêmica.

No quadro que se segue estão dispostas estas informações. Distribuímos os estudantes de acordo com o grupo que melhor os caracteriza e atribuímos a valência (forte ou fraca) para cada dimensão subjetiva que caracteriza sua experiência estudantil.

Quadro 7: Figuras da experiência estudantil - concluintes do curso de Pedagogia da FaE/UFMG

	<i>Estudantes</i>	<i>Dimensões subjetivas</i>

²Como iremos explorar ao longo das análises individuais, nesse grupo ficaram os sete estudantes “bolsistas”, além de quatro estudantes intercambistas.

<p>Grupo 1 Estudante em tempo integral</p>	<p>Aline Beatriz Francisco Helena Irene Josiane Natália</p>	<p>Projeto forte Integração forte Vocação forte</p>
<p>Grupo 2 Estudante em tempo parcial</p>	<p>Patrícia</p> <p>Tereza</p> <p>Dalva Isabela</p>	<p>Projeto fraco Integração forte Vocação fraca</p> <p>Projeto fraco Integração forte Vocação forte</p> <p>Projeto fraco Integração fraca Vocação fraca</p>



4.2 Algumas figuras da experiência estudantil ³

4.2.1 Grupo 1 - Estudantes em tempo integral ⁴

Estudante Aline

“No início você vai escutando muitas coisas desanimadoras e você vai sendo influenciada, mas depois você vai ganhando força e vendo o tanto que o curso é importante e exige do profissional muita dedicação e com isso você vai ficando mais firme e essas questões relacionadas com o preconceito com o curso entram em um ouvido e saem no outro.”

Aline tem 21 anos, é solteira, se autodeclara preta, está no 8º período do curso, é aluna do noturno e reside em Ribeirão das Neves. É de origem pobre e teve apoio da assistência estudantil da FUMP durante todo o percurso. Ela conta com orgulho que é a primeira da

⁴ Não foi possível, nesse artigo apresentar todos os estudantes do grupo 1.

família a estudar na UFMG. Ela revelou que foi aprovada no primeiro vestibular que tentou, “apesar” de ser uma aluna oriunda de escola pública.

Aline é muito tímida, como ela mesma se descreveu. Outra característica que ficou bastante evidente ao longo da entrevista é seu comprometimento com os estudos e com as atividades das quais faz parte na universidade. Desde o início da graduação é bolsista de iniciação científica, experiência que ela indica como provável influência para a escolha da formação complementar em Ciências da Educação. Aline também demonstrou ser bastante exigente, pois, apesar de reservar, todos os dias, tempo para os estudos e a realização das tarefas da faculdade, ao fazer uma autoavaliação de sua trajetória estudantil disse que gostaria de ter se dedicado mais aos estudos.

A estudante Aline deixou claro ao longo da entrevista que a escolha pela Pedagogia não se deu por uma exclusão. Quando se submeteu ao vestibular, estava certa de que queria cursar a Pedagogia e destacou ainda:

Eu sempre quis fazer Pedagogia, eu sempre gostei. É aquela coisa né? Escolinha, dar aula para bonecas, sempre foi assim. E eu vim de uma família de seis tias pedagogas, foram diretoras, vice-diretoras, professoras, então eu acabei convivendo a infância inteira com o espaço escolar. (Aline)

A maneira como Aline descreve o seu processo de inserção no curso superior e o grau de certeza que demonstra em relação à profissão são indicativos de que a escolha pela Pedagogia não foi uma decisão (inconsciente) pautada somente pelo seu perfil social. A estudante destaca a influência do contato com pessoas próximas que atuam na área específica do curso. Aline revela ainda outros indícios de que a sua escolha não resultou de um simples ajustamento de suas preferências às condições objetivas. Segunda ela: “eu acabei formando junto o Ensino Médio e o técnico e aí eu vi que não queria a área de administração ou economia e que não havia dúvidas de que eu iria tentar Pedagogia”. A estudante afirma ainda que não teria grandes dificuldades em ser aprovada em um curso mais concorrido da UFMG.

Em relação à integração dessa estudante à vida universitária, a atuação como bolsista de iniciação científica durante todo o percurso acadêmico demonstra-se como um fator determinante para uma integração forte. Além das horas dedicadas ao trabalho na pesquisa, Aline fica em outros momentos na universidade, frequenta a biblioteca e participa de eventos acadêmicos e culturais.

Outro indicador, relativamente simples, mas que demonstra a forte integração dessa estudante, é sua assiduidade às aulas. Ela também descreve que em alguns momentos do curso foi voluntária em eventos acadêmicos realizados na FaE.

A integração estudantil não se limita diretamente ao meio acadêmico, ela depende também da sociabilidade, e nesse aspecto Aline também apresenta evidências que caracterizam uma forte integração.

Um dos aspectos mais interessantes na trajetória dessa estudante é que ela ingressou no curso somente com o objetivo de trabalhar como professora, mas a experiência com a iniciação científica e a sua afiliação ao curso, no que se refere o contato com diferentes grupos de pesquisa, a capacidade de interpretar as regras e o “status social novo” de aluna bolsista da UFMG a levaram a conhecer outras possibilidades de exercer a profissão, além de ter auxiliado na “construção” de um gosto pela pesquisa.

Pensava em ser professora alfabetizadora dos primeiros anos do Ensino Fundamental, quando eu escolhi o curso era isso que eu queria, mas aí foi mudando e eu acho que eu não falo assim, não quero ser professora alfabetizadora, pois é um dos caminhos. Mas eu vi que tem outros, assim, sabe? E aqui dentro do curso que eu fui conhecendo os outros porque a gente tem uma visão muito simplista da Pedagogia como Educação Infantil e como professora alfabetizadora, até mesmo a EJA você tem pouca informação quando você entra no curso, né? E aí depois que você vai conhecendo as outras possibilidades, fui conversando com as pessoas aqui dentro, tendo contato com o currículo e vendo outras possibilidades. Pelo menos foi assim no meu caso, meu objetivo era ser professora alfabetizadora e hoje não é esse o único, mas caso eu passe em um concurso eu toparia atuar. Mas de toda forma eu pretendo continuar na vida acadêmica, dar sequência aos estudos e continuar desenvolvendo pesquisa que é o que eu mais gosto.

Para Aline, a dimensão do projeto se coloca muito forte ao longo de sua trajetória, pois ela demonstra a certeza em querer continuar os estudos e faz a relação entre a pós-graduação e a rentabilização do diploma adquirido. Essa perspectiva de futuro da aluna também parece ser interpretada considerando o perfil institucional da faculdade, no qual se destaca a presença de um forte programa de pós-graduação. Ela também se mantém informada em relação aos concursos públicos da área e até mesmo já foi aprovada em alguns.

A experiência estudantil está diretamente ligada à instituição universitária e no caso de Aline, além da influência da pesquisa, outro fator que interveio na sua trajetória foi o modelo de assistência estudantil a que teve acesso na UFMG.

Por último, a experiência estudantil de Aline se caracteriza pela forte dimensão da vocação, pois a estudante atribui aos estudos um sentido educativo e pessoal. Ela, ainda, descreve da seguinte maneira a influência na sua personalidade a sua passagem pela universidade:

Eu acho que os gostos vão ficando mais acadêmicos, mais críticos. Você passa a olhar tudo de uma outra forma, né? As propagandas na televisão, os filmes, as próprias músicas; as relações sociais mesmo, até as relações com os amigos, né? Seu modo de falar muda muito, bom eu acho (Aline).

Assim, a articulação das três dimensões subjetivas que constituem a experiência estudantil de Aline está diretamente relacionada às características da instituição. O fato de estar em uma universidade voltada para a pesquisa e a oferta de bolsas, provavelmente foram fatores decisivos para que se interessasse de maneira tão expressiva pela pós-graduação. Ainda, o apoio da assistência estudantil foi determinante para que pudesse se dedicar de forma mais intensa aos estudos. O nível de certeza em relação à Pedagogia também pode ser interpretado como um dos motivos para que Aline tenha se posicionado no curso com tamanha criticidade e segurança, além de ser um forte indicativo de que a construção de um projeto forte está ligada ao gosto pela área.

Procuramos compreender, por fim, como a experiência estudantil da estudante acabou por “distanciá-la” do seu desejo inicial de atuar como professora.

A experiência de Aline se mostrou convergente em relação aos dados quantitativos apresentados no capítulo 3, que demonstraram que muitos alunos concluintes do curso de Pedagogia querem atuar como professores, mas se sentem inseguros em relação à profissão. Ao se depararem ao longo do curso com outras possibilidades para a atuação profissional e se aproximarem mais da realidade da profissão (que nem sempre é atraente) esses alunos acabam, em muitos casos, procurando dentro do curso outras possibilidades de atuação para além da docência.

Estudante Francisco

“Eu acho que se não fosse a FUMP eu até conseguiria concluir o curso de graduação, mas não com a mesma qualidade, não com o mesmo aproveitamento; até porque eu teria que trabalhar muito mais e

provavelmente uma bolsa de estágio e uma bolsa de iniciação científica seriam insuficientes para eu me manter se não houvesse a existência da FUMP”.

Francisco tem 26 anos, é solteiro, se autodeclara branco. No momento da entrevista estava no 8º período do curso, que frequenta em ambos os turnos, apesar de ter sido aprovado para o noturno.

Francisco é o filho mais velho (tem mais três irmãos) de uma família “simples” do interior de Minas. Ele conta que é um dos poucos da família que se interessou pelo Ensino Superior, pois o que é mais valorizado no contexto da sua família é o trabalho. Ele mesmo, antes de ingressar na UFMG trabalhou durante quatro anos em uma empresa, o que foi importante para juntar dinheiro (que precisou usar quando veio morar em Belo Horizonte após a aprovação no vestibular).

Francisco foi aprovado no primeiro vestibular que tentou na UFMG. Ele acredita que teve uma boa formação no Ensino Médio, principalmente no terceiro ano em que foi aluno bolsista de uma instituição filantrópica (nessa época ele pensava em ser padre). O estudante destaca o gosto pelos estudos e pela leitura.

Durante a entrevista Francisco enfatizou sua condição socioeconômica desprivilegiada e como foi fundamental o apoio da FUMP durante o seu percurso na graduação.

De acordo com o estudante, o seu desejo era cursar a graduação em Direito. Ele chegou a ser aprovado, com bolsa de estudos em universidades privadas, entretanto julgou que mesmo com a isenção da mensalidade seria muito difícil manter-se ao longo dos anos sendo estudante de uma universidade particular em um curso elitizado. Portanto, quando resolveu tentar o vestibular da UFMG ele tomou a decisão de que iria optar por outro curso. Sua decisão estava fundamentada no seguinte raciocínio:

Então na hora de tentar UFMG eu pensei assim: olha, eu não vou fazer Direito porque eu acho que eu não vou passar, eu não to fazendo cursinho, eu vou tentar um curso que ao mesmo tempo seja da área de humanas, que tenha mercado e que seja ao mesmo tempo condizente com as minhas aptidões. Eu pensei assim: eu gostava de escola, gostava de ajudar na escola, na Direção, tudo que eu podia eu fazia, aí eu pensei assim, eu acho que eu vou fazer Pedagogia! (Francisco)

Como já observamos ao longo dessa pesquisa, a “escolha” por cursos pouco concorridos como a Pedagogia está muito marcada pelo processo denominado por Bourdieu como

“causalidade do provável”. De maneira geral, a ideia de Bourdieu é de que a vivência diária no interior de determinado grupo implica na transmissão de valores, comportamentos, desejos, considerados mais ou menos adequados pelo grupo. Nesse contexto, a escolha pelo curso superior poderia ser interpretada como fruto de uma estratégia em que as decisões se constituem como um senso prático (*habitus*), baseado no que está ao alcance do grupo social a partir da realidade objetiva em que está inserido. Avalia-se qual o curso superior poderia trazer maior retorno e qual escolha seria mais ou menos arriscada. Francisco demonstra ter internalizado essa ideia de que não seria aprovado em um curso elitizado como Direito e que o que era “destinado” a ele seria um curso menos concorrido, composto por um público mais próximo de seu grupo social de origem e mais condizente com sua realidade financeira.

A relação entre a “escolha” pela Pedagogia realizada como uma estratégia (resultado de um senso prático) e o perfil socioeconômico e cultural do estudante também deixa marcas ao longo de seu percurso no Ensino Superior. Ao longo da entrevista, Francisco dá muitos exemplos de que suas decisões acadêmicas, na maioria das vezes, se davam em função de uma preocupação financeira.

Olha, eu acho que quando você tem uma condição financeira boa você é privilegiado em qualquer instância. Eu percebo que o fator econômico ele influencia sim, influencia demais na minha vivência nessa universidade, sabe? Porque assim, às vezes eu tive que pegar estágio só por causa de dinheiro, mesmo se eu não queria fazer aquilo, e isso é fato! Às vezes, eu deixei de ir a congressos da área por falta de dinheiro. A própria decisão por ter a bolsa é a questão econômica que mais pesa. Por mais que tenha a FUMP, aqui na universidade o percurso é desigual. (Francisco)

Francisco é um estudante com um nível elevado de afiliação ao sistema universitário. Ele demonstrou ao longo da entrevista que sabia (muitas coisas até mesmo antes de ingressar na UFMG, pois procurou informar-se com os professores do Ensino Médio) como “as coisas funcionavam na universidade”. Ele já conhecia a FUMP no período do vestibular, já sabia desde o início do curso da possibilidade do intercâmbio, das diferentes formações complementares etc. Foi um aluno que soube transitar pelo espaço acadêmico com naturalidade, aproveitando da melhor maneira o que a universidade poderia lhe oferecer. Outros aspectos da trajetória de Francisco revelam uma forte integração. Durante o percurso na Pedagogia ele teve três bolsas de trabalho (essas com atividades bem diversificadas). Primeiro atuou como bolsista na Biblioteca da FaE, depois foi professor

no curso para jovens e adultos (PROEF) e por último, antes de viajar para o intercâmbio em Portugal, foi bolsista da Escola de Engenharia, na área de capacitação de mão de obra. Ao longo do curso ele transitou por diferentes espaços, além de usufruir dos serviços da UFMG como o restaurante universitário, o Centro Esportivo Universitário (CEU), a moradia, o transporte interno, a assistência estudantil.

De qualquer forma, a experiência estudantil de Francisco, provavelmente em consequência do seu perfil socioeconômico desfavorecido e também por uma pressão familiar (ele chegou a relatar que o desejo da sua família era de que ele continuasse trabalhando na empresa...), é caracterizada por um percurso voltado para a inserção no mercado de trabalho. A dimensão do projeto, da utilidade dos estudos é forte na experiência acadêmica de Francisco. Ele “apostou” no curso superior e espera que ao concluir o curso seja recompensado com um bom emprego e com o retorno financeiro coerente com um diploma de nível superior.

A dimensão do projeto ainda aparece quando o estudante destaca que o seu foco são os concursos públicos na área de gestão. Ele afirma que está se dedicando muito para estudar para esses concursos e que inclusive já foi aprovado em dois, mas que não sabe se conseguirá se formar antes de ser convocado.

Selecionamos alguns trechos da entrevista do estudante em que a dimensão do projeto aparece forte:

Dentre todas as habilitações que eu conheci, de cara a gestão foi a que me atraiu e também é a mais condizente com o que eu vou atuar, né? E também porque eu acho que é a que prepara melhor para os concursos. Nessa área que eu quero atuar dentro da Pedagogia, essa é a formação que mais poderia me ajudar. (Francisco)

Não é porque o discurso é de que a única maneira de um estudante de licenciatura ganhar dinheiro é fazendo mestrado ou doutorado que eu vou fazer também. E eu acho que essa é uma visão limitada, pois eu acho que tem outras possibilidades e que é possível sim ser um profissional bem sucedido sem você ser pesquisador e cabe a você buscar isso. Eu estou buscando me preparando para os concursos públicos. (Francisco)

Eu sempre procurei ler os textos. Mas eu selecionava as leituras de acordo com o meu interesse dentro do curso. Eu procurei ler mais aqueles que eram da minha área de interesse, como os textos de política. Julgava que esses iriam me favorecer mais nos meus projetos profissionais futuros. (Francisco)

Portanto, se a dimensão que mais se destacou na experiência estudantil de Francisco foi a do Projeto, cabe ainda dizer um pouco sobre a dimensão da vocação no percurso desse

estudante. De acordo com Dubet (1994) todos os estudantes apresentam, em alguma medida, a dimensão da vocação. No caso de Francisco essa dimensão se destaca na influência do curso em sua personalidade, na sua maneira de ver o mundo, na formação cultural e política adquirida ao longo das vivências na universidade.

Sem dúvidas, eu passei a ser muito mais questionador, eu comecei a entender muito mais de mim, o que eu realmente quero, questões de vivências culturais também aumentaram, o próprio fato de ter feito intercâmbio me mudou demais. E as próprias questões proporcionadas pela universidade, clube, arte eu passei a gostar. Eu não tinha uma criticidade tão grande a respeito de arte, por exemplo, e agora eu vejo de outras formas, passei a agregar valor. Outra questão que também o curso superior me ajudou muito é em relação ao conhecimento com questões políticas, o que influencia numa postura que você pode vir a ter no seu trabalho. Uma questão crítica, reflexiva, de eu não ser simplesmente um robô e fazer o que me mandam. (Francisco)

12

A experiência de Francisco foi uma das que mais explicitamente demonstrou a influência do *habitus* no processo de “escolha” pelo curso e outras escolhas ao longo do Ensino Superior. Na sua experiência estudantil, fica evidente que as estratégias que buscou construir estavam fundamentadas sob um cálculo do que era menos arriscado, do que poderia no futuro lhe garantir segurança financeira. Essa maneira de encarar o Ensino Superior teve impactos na construção de uma forte dimensão do projeto. É interessante observar também outra estratégia do estudante. No interior do curso de Pedagogia ele se aproximou da área de gestão, que foi aquela que ele julgou mais poder lhe oferecer uma inserção profissional por via de concursos públicos (o que garante estabilidade financeira e lhe aproxima do universo de concursos públicos tão presentes para alunos do curso de Direito). No caso de Francisco, nem podemos falar de um “distanciamento” da docência, pois antes mesmo de iniciar o curso, ele já havia tomado a decisão de que não iria atuar como professor.

4.2.2 Grupo 2 - Estudantes em tempo parcial⁵

Estudante Tereza

“Eu queria equilibrar um pouquinho de tudo. Tanto a minha vida acadêmica e escolar, com a social, política, profissional e eu dei conta! Porque eu já tô acabando! E é assim que eu faço, é nesses espacinhos de tempo que eu concilio tudo!”

⁵ Não foi possível neste artigo apresentar todos os estudantes.

Tereza é aluna do noturno, está no 9º período e é classificada como carente da FUMP. Ela se autodeclara negra, tem 36 anos, é solteira e trabalha como funcionária contratada no Museu de História Natural/UFMG. A aluna ingressou no Ensino Superior depois de dez anos sem estudar e chegou até a Pedagogia por incentivo de uma pedagoga que também trabalha no museu.

O interesse inicial de Tereza era fazer Enfermagem, entretanto, ao avaliar suas condições objetivas de ser aprovada na UFMG, a decisão recaiu sobre o curso menos concorrido. E a “opção” por Pedagogia, inicialmente, estava relacionada com a possibilidade de trabalhar com a Pedagogia Hospitalar. Entretanto, aos poucos foi descobrindo que o curso era “totalmente voltado para a escola” e segundo ela, no início teve muitas dúvidas se deveria prosseguir.

O discurso de Tereza é marcado pela ausência de planos profissionais diretamente relacionados à área de educação, o que pode ser explicado pelo interesse inicial por outro curso, ou até pela frustração de não ter encontrado na Pedagogia o direcionamento para a área de saúde que a motivou a tentar o curso. O projeto profissional fraco também pode ser consequência de Tereza já estar há muitos anos inserida no mercado de trabalho, e com isso ter se acomodado profissionalmente.

A falta de foco profissional da estudante parece se refletir em uma dimensão fraca do projeto. Na verdade ela não tem ainda um projeto construído em relação a sua atuação com a Pedagogia. A escolha pela formação complementar em Educador Social fez surgir o interesse em trabalhar com jovens em conflito, mas Tereza também manifestou o interesse pela Educação de Jovens e Adultos e Educação Infantil. Segundo a estudante, ela gostou muito da Pedagogia, mas mesmo assim, ainda não sabe se dará continuidade aos estudos procurando uma especialização em Pedagogia Hospitalar, ou se inicia outra graduação em Ciências Sociais ou Arquitetura. Uma certeza da estudante é do não interesse pela pós-graduação.

A vida estudantil de Tereza é marcada pela falta de tempo para os estudos, já que ela trabalha o dia inteiro e a noite “sobe” para a FaE. Ao mesmo tempo, a jornada de oito horas de trabalho, só não atrapalhou mais sua vida de estudante, de acordo com ela, por trabalhar dentro no campus. Ela contou que no intervalo entre o fim do expediente e o início das aulas (17:00 às 19:00) era possível estudar um pouco e/ou participar de

atividades do Diretório Acadêmico da FaE, do qual faz parte e com o qual é bastante envolvida. Assim, Tereza se considera privilegiada por ter um trabalho dentro da UFMG, mas ao mesmo tempo, lamenta que o fato de ser uma trabalhadora estudante, de origem das camadas populares, não a tenha possibilitado participar de pesquisas acadêmicas e outras atividades mais relacionadas ao curso.

Eu faço as leituras é de madrugada, mas eu acho que todo mundo faz isso, quem estuda a noite, então eu era só mais uma. Eu vejo que algumas pessoas têm essa mesma dificuldade, principalmente gente que trabalho oito horas por dia. Mas têm muitos que conseguem ficar só meio horário trabalhando, bolsas, essas coisas assim, aí fica melhor, mas quando a gente tem que trabalhar com essa carga horária, aperta muito e a gente vai conciliando, as vezes na hora do almoço, dentro do ônibus vai lendo e tal (...). Eu queria ter me envolvido nessas questões de pesquisa, aqui dentro, tipo na bolsa, participar de alguma coisa assim, isso aí é a única lamentação que eu tenho. Eu acho que isso engrandece, eu vejo eles desenvolvendo intelectualmente, entendeu? E eu acho isso bacana demais e até a escrita, essa parte aí eu vejo, nas falas, nas apresentações, eu vejo as posturas mudando e vejo que é excelente, mas infelizmente eu não podia largar o meu trabalho, pois eu me sustento e não tenho com quem contar financeiramente (Tereza).

14

O perfil social desfavorecido de Tereza mostrou-se determinante, também, para que a estudante tivesse a dimensão da integração prejudicada, no sentido que ela revela que dificilmente tinha possibilidade de participar dos diferentes eventos culturais e acadêmicos ofertados no período diurno. Entretanto, mesmo com um tempo muito apertado, a dimensão da integração é forte na experiência estudantil de Tereza, pois as atividades desenvolvidas no Diretório Acadêmico (discussões, eventos nos finais de semana, eleição das chapas estudantis, participação em movimentos sociais e as saídas após as aulas de sexta feira para tomar uma cerveja etc) são muito presentes na sua trajetória acadêmica.

A sociabilidade e o sentimento de realização pessoal experimentado durante os estudos são características que se destacam na experiência estudantil de Tereza:

Minha trajetória acadêmica foi ótima! Foram os melhores anos da minha vida que eu vivi, QUE EU VIVI, porque eu acho assim que antes eu não vivia, (risos). Eu acho que foi a melhor coisa que me aconteceu, principalmente porque eu acho que conciliou várias coisas, não sei se você percebeu mas em momento algum eu falei de família, né? Eu sou órfã e fui criada por uma senhora que morreu também, e aí assim, eu entrei aqui com muito medo porque eu falei assim: nossa, meu Deus do céu! Porque eu tinha muito aquela visão né? Quando falava universidade eu pensava: nossa senhora vai ser cada um por si, eu achava que as pessoas eram egoístas e que ninguém ajudava ninguém e quando eu cheguei aqui foi totalmente ao contrário.

Como Dubet (1994b) já havia chamado à atenção, a dimensão da vocação não é redutível a uma alternativa do projeto profissional. “A medida que ela define a influência ou o desejo de influência da formação sobre a personalidade, sobre a maneira de ver o mundo e de se encontrar nele” (DUBET, 1994b, p.518, tradução nossa). Portanto, mesmo que Tereza tenha demonstrado a dimensão da utilidade (profissional) dos estudos muito fraca, a dimensão da vocação tem valência forte em sua experiência estudantil, sobretudo em uma dimensão mais pessoal experimentada durante os estudos:

Hoje eu me sinto mais livre em questão de comunicar e de conversar, antes eu me sentia meio polida, entendeu? E hoje não, hoje eu falo o que eu penso coloco minha ideia e antes não, eu só ouvia, mas não dava minha opinião, não interferia, era passiva, só recebia e hoje não, hoje eu falo o que eu penso, discordo. Isso mudou demais e está muito ligado as leituras, ao contato com pessoas críticas, os professores aqui da FaE (...) é por isso que eu te falo, sou apaixonada demais por isso daqui (UFMG) e quero fazer outros cursos, continuar aprendendo. (Tereza)

15

Em relação à docência, a estudante já ingressou no curso sem o objetivo de dar aulas. Ela descreve um percurso na Pedagogia sem muito envolvimento com a profissão de professor, somente os estágios curriculares obrigatórios, pois inclusive a opção pela formação complementar foi para a área social.

A experiência estudantil de Tereza é marcada pelo seu perfil social e cultural desprivilegiado. O tempo que a estudante teve que esperar antes de ingressar no Ensino Superior a afastou muito do universo escolar, de maneira que somente no decorrer do curso é que Tereza foi se (re) descobrindo novamente como estudante. Para ela, tudo era novidade. A experiência de Tereza no Ensino Superior é marcada pelo alto nível de realização pessoal adquirido por meio da inserção na universidade, e pode ser interpretada como um reflexo desse perfil pouco escolar com que ela chegou ao Ensino Superior. Pois nossa hipótese é de que Tereza se apegou às amigas e ao movimento estudantil, por ver nesses possibilidade de ser sentir parte desse novo universo ao qual tinha dificuldades de se integrar academicamente.

Estudante Dalva

“Mas eu me arrependo de ter esperado tanto tempo. De repente, se eu não estivesse escutado tanto as outras pessoas: ah, Federal não é para pobre! Se eu tivesse encarado, logo, de imediato (...).”

Dalva tem 39 anos, é solteira, negra e frequentou a Pedagogia do noturno. Ela é aluna assistida pela FUMP e caracteriza-se como uma trabalhadora estudante (trabalha em uma empresa na área administrativa). Dalva postergou por mais de dez anos sua entrada no Ensino Superior e foi aprovada na segunda tentativa no vestibular da UFMG.

Em relação ao processo de inserção no Ensino Superior, na trajetória escolar de Dalva percebemos que o perfil social influenciou para que tanto tempo se passasse após a conclusão do Ensino Médio e a decisão pelo vestibular. Ainda, as características do perfil social da estudante parecem ter influência direta na sua decisão por Pedagogia (e não por Administração, que era o curso que ela realmente gostaria de ter tentado). O horizonte de escolhas e o grau de segurança experimentado por ela demonstram influências de um *habitus* característico de estudantes das camadas populares, pois ela parece ter se decidido pela Pedagogia por ser um curso mais próximo das suas possibilidades reais de aprovação. Dalva demonstra ter considerado também outros critérios, como: o fato de ser um curso que permite conciliar com o trabalho, de ser um curso noturno, de ser um curso gratuito. Outras características próprias da instituição e do curso também podem ter sido consideradas. Citamos, como exemplos, a oferta da assistência estudantil, a localização do campus, e, ainda, o fato de ser um curso com outras perspectivas profissionais, além da docência, já que ela fez a opção pelo curso certa de que não queria ser professora. A formação complementar que está concluindo é a de Educador Social.

Dalva considera que teve dificuldades acadêmicas, principalmente no início do curso e que teve outras dificuldades de adaptação à universidade também, como, por exemplo, adequar seus horários à realização dos estágios obrigatórios. Talvez esses fatores expliquem a dimensão fraca da vocação que caracteriza sua experiência estudantil. Pois, diante de tantas dificuldades, torna-se até difícil que esse sentimento de realização pessoal experimentado durante os estudos sobressaia-se.

Entretanto, há de se destacar no discurso de Dalva, o sentimento de uma realização pessoal ligada ao fato de ter conseguido vencer o desafio de ingressar e concluir o percurso na universidade pública, a partir de sua condição de trabalhadora estudante, oriunda das camadas populares. Sem dúvida, uma das questões que mais transpareceram no discurso de Dalva foi sua expectativa relacionada à ascensão social que um diploma

da UFMG pode lhe trazer. Ela se refere à UFMG como *A FEDERAL* e chega a mencionar o status que ser uma aluna da UFMG lhe proporciona.

(...) Claro que quando você fala que está fazendo faculdade, principalmente na UFMG, é um outro tratamento. E outra, quando você forma, as pessoas te tratam diferente. Quando você fala: "Estou cursando o Ensino Superior", muda (...). Eu espero realmente que o fato de ter estudado na UFMG pese na hora dos contratos, mas eu acho que ela tem uma boa visibilidade lá fora. A Federal ainda é a Federal. O pessoal pode falar, mas eu acredito que vá contribuir bastante. Até mesmo quando você vai procurar um estágio eles falam: "De qual universidade?" "Federal"! Aí já é realmente outra coisa. (Dalva)

17

A dimensão do projeto também é fraca na experiência estudantil de Dalva. Na verdade, o discurso da estudante é, de certa forma, contraditório com a realidade de seu percurso escolar. Pois ela até chega a mencionar alguns projetos futuros (como ser uma professora da UFMG, ou trabalhar com a Pedagogia Empresarial), mas, ao mesmo tempo, demonstra que não desenvolveu estratégias ao longo do curso para que seus projetos tivessem maior chance de êxito. Ela manteve-se no curso fazendo o essencial, não teve experiências que a preparassem para o mercado de trabalho nessas áreas de interesse e nem para a pós-graduação (como envolvimento com grupos de pesquisa). Ela não pretende lecionar, o que de certa forma é até uma "incoerência" na sua trajetória escolar, já que tem o diploma de Magistério. Apesar da formação anterior, nunca atuou como docente.

Mas eu achava que fazendo o curso eu fosse me interessar pela escola. Mas aí eu fui vendo que não era bem isso que eu queria. Aí eu falei: "Bom, vamos trocar de curso." Aí eu deixei passar. E agora, vou concluir. Mas eu acho que vou acabar indo pra escola. Não como professora, mas em outras áreas. (Dalva)

Então, este é o meu grande dilema: o que fazer a partir de agosto? Uma nova graduação já que eu não me identifico com esta, ou uma pós? (Dalva)

Por último, cabe dizer que também a dimensão da integração é fraca na experiência estudantil de Dalva, como era de se prever, dado o tempo restrito que a estudante tem para se dedicar à faculdade. Ela chega ao campus quando a aula já está se iniciando e de acordo com Dalva, os momentos reservados para os estudos sempre foram às madrugadas e o finais de semana.

Desde que eu entrei, eu sempre trabalhei. Sete da manhã às cinco e meia... Então, no máximo trabalho de campo nos sábados. Fora isso, nada. Eu nunca tive tempo pra vir aqui na Federal de manhã ou à tarde. Mesmo pra participar de palestras. Sem chance. (Dalva)

(...) Mas eu acho que quando você trabalha e estuda, não tem muito como você conhecer a faculdade, aproveitar o que ela te oferece. É mais chegar ir pra sala, pra biblioteca. (...) E é uma escolha, né? (Dalva)

A experiência estudantil de Dalva, marcada pela fraca intensidade das três dimensões subjetivas a caracteriza como a principal representante desse grupo 2, composto por estudantes que se caracterizam por uma dedicação e envolvimento (conscientes ou não) menores no curso. As obrigações laborais de Dalva condicionaram sua vinculação fraca com os estudos. Como a própria estudante problematiza, ela enfrenta dificuldades de ordem intelectual que têm a ver com o fato dela ter parado de estudar há mais de dez anos. Ao ingressar no Ensino Superior depois de tanto tempo sem estudar, ela precisou conhecer “novamente” o sistema de códigos que caracteriza o universo escolar (como escrever um texto acadêmico, apresentação oral, uso da biblioteca, seleção de leituras). De acordo com A. Coulon (2008) a “entrada na universidade é a descoberta de outro mundo, no qual, antes de qualquer coisa, é preciso se situar” (p.146). Sem dúvidas, a entrada de Dalva na UFMG caracterizou-se por um confronto com práticas novas e por uma dificuldade (em virtude de um *habitus* não privilegiado nos espaços escolares) em se situar diante do grupo. Assim como Francisco e Tereza, a estudante decidiu-se pelo curso muito mais por uma "estratégia" do que por manifestar um gosto genuíno pela área de educação. Tal característica somada a outros fatores já discutidos parece esclarecer porque, mesmo após chegar ao final de um curso, cujo currículo é voltado para a docência, Dalva (Francisco e Tereza) mantém-se firme em relação a não querer atuar como professora.

3 Considerações acerca das diferentes experiências estudantis de estudantes do curso de Pedagogia da FaE/UFMG

Ao nos propormos a investigar estudantes de um mesmo curso, tivemos a vantagem de lidar com as características de uma mesma faculdade, um mesmo currículo, além de todos os estudantes investigados estarem diante de uma mesma profissão, ou seja, vivenciam, no caso da docência, a desvalorização da profissão. Se por um lado essas características em comum facilitaram nossas análises, por outro, foi preciso um trabalho minucioso para delimitar as sutilezas que caracterizavam as experiências universitárias desses sujeitos como únicas.

Os resultados das análises mostraram, sobretudo, que mesmo inseridos em um mesmo contexto institucional, e tendo como base um mesmo currículo, as experiências estudantis de alunos do curso de Pedagogia se caracterizam por modelos diversificados.⁶

Percebemos, entretanto, que em consequência de uma maioria dos estudantes que se disponibilizaram para a entrevista compartilharem características em comum (como o fato de serem alunos “bolsistas”) tínhamos um primeiro grupo, composto por sete estudantes: Aline, Beatriz, Francisco, Helena, Irene, Josiane e Natália cuja articulação e intensidade das dimensões subjetivas foram consideradas de maneira idêntica (projeto forte, integração forte, vocação forte). No outro grupo, entretanto, conseguimos caracterizar três tipos diferentes para as experiências estudantis daqueles sujeitos. A articulação e a intensidade das dimensões subjetivas que caracterizaram a experiência estudantil de Tereza (projeto fraco, integração forte, vocação forte) e Patrícia (projeto fraco, integração forte, vocação fraca) se constituíram como modelos diferentes das demais. Já o modelo proposto para Dalva foi igual àquele que caracterizou a experiência de Isabela (projeto fraco, integração fraca, vocação fraca).

No grupo 1, formado pelos estudantes possuidores de um *habitus* mais próximo daquele que é valorizado nas instituições escolares⁷ foi possível identificar, por meio das entrevistas, que eram graduandos que se caracterizavam, na expressão de Dubet, como “verdadeiros estudantes”. Apesar de serem considerados a partir de um mesmo tipo de experiência estudantil, caracterizada por um projeto, uma integração e uma vocação fortes, isso não significou percursos idênticos ao longo da graduação. Cada estudante, em virtude da subjetividade que o caracteriza, além de outros fatores de ordem objetiva, traçou um percurso próprio ao longo do curso.

Em relação ao modelo da experiência estudantil que caracteriza os estudantes do grupo 1, cabe destacar ainda, que o processo de afiliação foi amplamente beneficiado pela experiência dos estudantes como “bolsistas” da faculdade. Por serem “bolsistas” passam muito tempo na universidade, o que garante um maior nível de informação sobre o sistema acadêmico que depois pode ser revertido em vantagens escolares. Garantem ainda maior

⁶ Como nosso grupo era muito pequeno, onze estudantes, conseguimos identificar apenas quatro tipos diferentes, mas acreditamos que a diversidade das experiências estudantis é bem maior.

⁷Ainda que estivéssemos falando de uma maioria de alunos pertencentes às camadas populares, com exceção de Natália, nesse primeiro grupo.

domínio dos códigos institucionais: uso da biblioteca, escolhas curriculares, aproveitamento de créditos e aprovação em seleções como as do intercâmbio etc. As atividades desenvolvidas na “bolsa” também acabam por agregar à formação do graduando uma maior habilidade acadêmica. Foi comum nos relatos desses estudantes uma reflexão em que associavam o trabalho desenvolvido na pesquisa/extensão e uma melhor desenvoltura nas apresentações orais em sala de aula e o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva etc. Foram destacadas ainda as vantagens relacionadas à maior “visibilidade” que o fato de ser um aluno “bolsista” pode atribuir ao estudante. Em geral foi relatado que passaram a se sentir mais valorizados em sala de aula, em função da proximidade com professores e grupos (específicos) de pesquisa.

Destaca-se ainda desse grupo, que com a exceção de Francisco, todas as outras estudantes demonstraram um gosto genuíno pela educação. Particularidade que, nesse estudo, compreendemos como importante, sobretudo para que a realização pessoal com os estudos (vocação) e a maneira como se projetam no futuro profissional ocorressem de forma mais intensa no decorrer da trajetória.

No segundo grupo, com exceção de Isabela, as estudantes, se caracterizavam por um *habitus* próprio de sujeitos oriundos das camadas populares e suas experiências eram marcadas pela dimensão do trabalho, por um longo período de pausa dos estudos antes do ingresso na universidade e pela baixa escolaridade dos pais. Características que tornaram o processo de afiliação desses sujeitos muito mais difícil, pois a chegada à universidade parece ter se caracterizado como “a descoberta de um outro mundo, no qual, antes de qualquer coisa, é preciso se situar” (COULON; 2008, p.146).

Outra característica muito marcante desse grupo 2 tem a ver com o processo de escolha do curso superior. Tereza, Patrícia e Dalva, (assim como Francisco), representam os estudantes em que a opção pela Pedagogia se deu como uma “escolha pelo possível”, já que gostariam de ter frequentado outra graduação: Francisco - Direito, Patrícia - Direito, Tereza - Enfermagem e Dalva – Administração, mas julgaram que a Pedagogia condizia melhor com suas realidades objetivas, tanto no que se refere à aprovação como no que tange à “sobrevivência” no interior do Ensino Superior. Já no grupo 1 todas as mulheres declaram um gosto genuíno pela educação e disseram ter escolhido a Pedagogia certas de que era o que realmente queriam cursar. Portanto, pelo menos na nossa população de onze

discentes investigados, podemos estabelecer a relação entre o gosto ou ausência dele e uma trajetória de maior sucesso ou não.

A presença no grupo 2 da estudante Isabela que se caracteriza por um perfil socioeconômico e cultural diferente do restante foi justificada pelo fato dela não ter se envolvido de forma expressiva com a Pedagogia, e, portanto, ter sido considerada uma estudante (de Pedagogia) em tempo parcial. Cabe ainda discutir que, se por um lado a experiência estudantil de Isabela se caracteriza por um modelo igual ao de Dalva (as três dimensões fracas), por outro, as particularidades (tanto de ordem objetiva quanto subjetiva) que caracterizaram suas experiências não se assemelham em nada, o que evidencia a influência do pertencimento social na experiência estudantil. Cabe destacar e comparar dois aspectos da trajetória acadêmica das duas. Primeiro em relação à escolha pelo curso superior. Enquanto Dalva não tinha a Pedagogia como primeira opção, mas mesmo assim julgou (talvez inconscientemente) que era o curso que condizia à sua realidade, Isabela queria a Pedagogia, mas como era um curso que não condizia com as expectativas de seu grupo social de origem, optou por fazê-lo concomitantemente com outro curso. O fato de estudar também em uma universidade privada, impossibilitava Isabela de se dedicar integralmente à Pedagogia, característica da experiência de Dalva que se dava pelo fato dela ter que trabalhar o dia inteiro para se sustentar.

Assim, ao compararmos os grupos 1 e 2, e até experiências de estudantes de um mesmo grupo, procuramos evidenciar que as diferentes maneiras que se constituem as experiências estudantis estão muito ligadas ao pertencimento social e cultural dos estudantes. Ou seja, o *habitus* que os caracterizam como membros mais próximos ou distantes da cultura universitária influencia (muito), principalmente para a intensidade e a maneira com que as dimensões do projeto e da integração irão se articular na experiência desses sujeitos. Ao mesmo tempo, é importante não classificar o pertencimento socioeconômico e cultural como determinante para um modelo estudantil. Como Dubet observa, em cada dimensão subjetiva que caracteriza a experiência estudantil “pode-se perceber a subjetividade dos atores que são os únicos em condição de definir seus projetos, suas adesões às normas de uma organização universitária, de um meio, seu interesse intelectual, sua vocação” (DUBET, 1994b, p.512, tradução nossa). E assim, acreditamos que foi fundamental como referência teórica dessa pesquisa que adotássemos

tanto o conceito de *habitus* desenvolvido por Bourdieu, como uma análise da experiência subjetivada como propõe a Sociologia do Indivíduo.

Referências bibliográficas:

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A Reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

COULON, A. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba), 2008. 276 p.

DUBET, F. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994a.

DUBET, F. **Dimensions et figures de l'expérience étudiante dans l'université de masse**. Revue Française de Sociologie, XXXV 511-532, 1994b.

GATTI, B. A. **Formação de professores no Brasil: características e problemas**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out-dez. 2010.